

# História e música: tecendo memórias, compondo identidades

ELEONORA ZICARI COSTA DE BRITO

*Professora do Departamento de História da  
Universidade de Brasília.*

## NOTAS PRELIMINARES

Informada pelas profundas transformações que nas últimas décadas vêm ocorrendo no campo da história,<sup>1</sup> uma ainda incipiente produção historiográfica tem voltado sua atenção para o campo da música, pensando essa expressão cultural como objeto a ser explorado e importante fonte de acesso às tramas que buscam dar sentido à realidade estudada, esteja ela localizada no passado recente ou em tempos remotos.

Digo “ainda incipiente”, considerando que a grande massa de trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a música como objeto de estudo encontra-se localizadas em outras áreas de conhecimento, notadamente a sociologia, a antropologia, a filosofia, a musicologia, a literatura e a comunicação. Como se vê, estamos frente a áreas intersolidárias à história e, por isso mesmo, pontes que tão bem têm servido ao historiador que se decide aventurar nessa nova seara.

O que aqui se propõe não é, nem de longe, um levantamento exaustivo dessa produção historiográfica, muito menos de toda a literatura sobre o tema. Em vez disso, parto, num primeiro momento, para a apresentação de alguns autores com quem temos mantido um contato mais próximo,<sup>2</sup> e que podem, seguramente, representar um bom painel das preocupações que têm orientado os estudiosos, sobretudo os da área de história, mas não apenas dela, cujos trabalhos voltam-se à investigação do universo musical,

considerando-se o viés sociocultural. Em seguida, apresento brevemente as linhas gerais de um projeto que venho desenvolvendo no âmbito do *Laboratório de História, Identidades e Representações*, do Departamento de História da Universidade de Brasília, cujo objeto é a *Jovem Guarda*.

## EM BUSCA DE INTERLOCUTORES

Embora sem nos deter por demais em suas produções, nunca é demais lembrar a importância das obras pioneiras de Mário de Andrade,<sup>3</sup> José Ramos Tinhorão,<sup>4</sup> Augusto de Campos,<sup>5</sup> José Eduardo Homem de Mello, (o Zuza Homem de Mello),<sup>6</sup> José Miguel Wisnik<sup>7</sup>, entre outros. A presença desses autores em grande número de pesquisas atuais, voltadas ao estudo das relações entre música e história, evidencia a importância desses trabalhos como referências a serem consideradas.

Voltando-nos ao campo da história acadêmica, há de se fazer menção especial aos trabalhos pioneiros desenvolvidos por Alcir Lenharo. Sobre seu último trabalho,<sup>8</sup> vale reproduzir um trecho de resenha assinada por sua orientanda, Erminia Silva, cujo conteúdo informa-nos sobre as preocupações que motivavam esse importante historiador a trabalhar com o campo da música:

Por meio de uma massa de pesquisa realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional, na Biblioteca Mário de Andrade, no Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp, com passagem pelos acervos pessoais de José Ramos Tinhorão, de Miécio Caffé e de Nirez, em Fortaleza, entrevistas realizadas com Braguinha, Anselmo Duarte, e a própria Nora Ney e Jorge Goulart - Alcir Lenharo procura conhecer através das cantoras e cantores dos anos 1950, “*o jeito de ser dos brasileiros de então, ou ainda, como se dava o sistema estelar, muito ativo por sinal, e a maneira como se relacionavam fãs e artistas, numa época em que estes interferiam especialmente na vida cultural e social do país*”. Sem se fascinar pela “grande política” ou os grandes acontecimentos da História oficial, o autor confessa na introdução do livro que a sua atração pela captura do espírito do tempo e a essência de uma época foram os cantores do rádio, que para ele eram personagens “*incrivelmente afinados com seu tempo, com sua cultura, com suas transformações, com seus sonhos e realizações(...)*”<sup>9</sup>

Digno de nota é, também, o trabalho que vem sendo desenvolvido por Maria Izilda Santos de Matos, professora titular da PUC de São Paulo, que desde os anos 90 vem desenvolvendo projetos na área. Em busca das experiências inscritas nas cenas da boemia carioca e paulistana, Maria Izilda procurou auscultá-las em pesquisas que focalizaram as trajetórias artísticas de Lupicínio Rodrigues,<sup>10</sup> Dolores Duran<sup>11</sup> e Adoniran Barbosa,<sup>12</sup> sondando em suas canções as representações que remetiam àqueles ambientes.

Dentre as inúmeras orientações de pós-graduação que Maria Izilda vem realizando na PUC de São Paulo, destaco aqui a tese de doutorado<sup>13</sup> defendida pelo professor da Universidade Federal de Uberlândia, Adalberto de Paula Paranhos, cujas pesquisas no universo da música já evidenciam uma alentada produção<sup>14</sup>.

Atualmente, de acordo com seu currículo Lattes, Paranhos dedica-se ao desenvolvimento de projeto de pesquisa intitulado *História e historiografia da música popular brasileira* que, de acordo com o que é ali apresentado,

... se propõe examinar principalmente a produção mais recente de cientistas sociais, historiadores, musicólogos e estudiosos de outras áreas do saber a respeito das intrincadas relações mantidas entre a ditadura estado-novista e a canção popular, com destaque para os compositores e intérpretes do samba, gênero então elevado à categoria de símbolo musical da nacionalidade. (...) trata-se de questionar as formulações habituais sobre o monopólio do poder estatal, encontradas tanto em obras datadas de décadas passadas como em alguns trabalhos elaborados mais recentemente (...). De maneira complementar, o projeto procura abrir perspectivas para a retomada crítica da produção historiográfica direcionada para outros momentos da história da música popular brasileira, notadamente os anos 1960 ...

Paranhos é, hoje, um dos editores da revista *ArtCultura*,<sup>15</sup> importante veículo de divulgação de pesquisas voltadas ao universo da História Cultural. Criado em 1999, o periódico já dedicou espaços especiais à temática da música, especialmente nos números 9, de 2004, cujo dossiê é *história e música*<sup>16</sup>, e 13, de julho/dezembro de 2006, dedicado à *música popular*<sup>17</sup>. O conjunto de artigos que compõem o primeiro número dá bem a idéia da interdisciplinaridade que atravessa a temática, assim como do espaço ainda tímido ocupado pelos historiadores interessados nesse universo. Já o segundo, mais recente, composto exclusivamente por artigos de historiadores, sinaliza

para um maior comprometimento da área de história com o campo da música.

Neste ano de 2007, coube a Paranhos, juntamente com Tânia da Costa Garcia,<sup>18</sup> a proposição e coordenação do Mini Simpósio Temático: *História e Música Popular*, um dos 76 que integraram o XXIV Simpósio Nacional de História, cujo título foi, não por acaso, *História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, realizado em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

O texto de apresentação do Mini Simpósio sintetiza bem o estado atual desse campo de pesquisa, sinalizando tanto para os avanços quanto para os limites que ainda hoje se colocam à tarefa de tomar a música como objeto e fonte para a história:

... a música industrializada vem assumindo crescente importância como fonte documental, respondendo por uma parcela dos esforços daqueles que se empenham em insuflar novos ares nas pesquisas históricas.

Independentemente da tendência – bastante evidente no caso de historiadores, cientistas sociais e profissionais da área de literatura – de se concentrar o foco de análise quase exclusivamente, ou pelo menos de forma prioritária, nas letras das canções, a complexidade do trabalho com música conduziu muitos pesquisadores a trilhar caminhos paralelos. Sem que se colocasse no primeiro plano o estudo de natureza especificamente musicológica, passou-se, mais e mais, a atentar para as relações de complementaridade e/ou de oposição que as letras entretêm com outros elementos da obra musical na sua realização histórica ou no seu fazer-se. Logo se percebeu que a decifração da linguagem estritamente musical, conectada à eventual filiação a “gêneros musicais”, à família instrumental que intervém na geração de uma certa sonoridade ou formatação timbrística, nada disso é estranho aos que se dispõem a percorrer todo o arco de opções de quem elege a música como um dos objetos de estudos históricos. Afinal, a música fala sem recorrer necessariamente a palavras impressas e cantadas.

Além do mais, difundiu-se a consciência de que as palavras que, aparentemente, injetam sentido numa canção não deixam de se submeter, numas tantas situações, a um processo de dessignificação e/ou de resignificação, ou, como queira, de reapropriação. Dito de outra maneira, evidenciou-se que o sentido das letras das canções é cambiante, muda, por vezes, com o tempo, na dependência do contexto histórico-musical em que ressurgem. Enfim, quando não permanecemos reféns da mera literalidade das letras, estamos aptos a compreender que nenhum significativo se acha irremediavelmente preso a um significado único, esvaziado de historicidade. (...)

Em meio aos avanços vivenciados na pesquisa histórica com música popular, outra conclusão, não menos relevante, apontou para a necessidade de atribuir o devido peso analítico à performance. Ganhou força a idéia de que interpretar implica também compor. Por outras palavras, quando alguém canta e/ou apresenta uma música, sob essa ou aquela roupagem instrumental, atua, num determinado sentido, não como simples intérprete, mas igualmente como compositor. O agente, no caso, opera, em maior ou menor medida, na perspectiva de decompor e/ou recompor uma composição, o que ocorre de modo consciente ou inconsciente (...).

Embora longo, o trecho aqui reproduzido informa com eficiência algumas das conclusões a que os estudos até então realizados nos permitem chegar. Nele, percebemos a necessidade de treinar olhos, ouvidos e outros sentidos de maneira a melhor apreender a riqueza inscrita em nossas fontes de pesquisa. Letras, músicas, performances, diferentes contextos de execução, co-autoria atribuída à canção pelo intérprete, tudo passa a interessar ao historiador que toma o universo musical como expressão cultural de um tempo, o que nos coloca, inevitavelmente, em diálogo com outras áreas de estudo.

Muitas são as afinidades, no que se refere ao trato que dedica à música como objeto de conhecimento, que podemos reconhecer no trabalho desenvolvido pela professora do Departamento de Sociologia e Política da PUC do Rio de Janeiro e coordenadora do Núcleo de Estudos Musicais da Universidade Cândido Mendes, Santuza Cambraia Naves. Atualmente trabalhando em projetos sobre música popular, cuja abrangência abarca desde a música produzida no Brasil do modernismo, passando pelos anos 60, quando se focaliza, segundo informações obtidas em seu currículo Lattes, “a transição do samba-canção para a bossa nova, o surgimento da canção de protesto, dos festivais da canção e da estética tropicalista”, chegando à música produzida nas periferias das cidades brasileiras – Funk, hip-hop e música eletrônica no Brasil – Santuza tem sido responsável por uma importante produção capaz de revelar a pertinência do trabalho que se debruça sobre a música como expressão dos dilemas e expectativas de seu tempo.<sup>19</sup>

Professor do Departamento de História da USP, Marcos Napolitano é hoje outra importante referência na área de estudos sobre história e música. Com artigos publicados em diversos periódicos, o autor tem se dedicado não só ao trabalho empírico que toma a música como fonte e objeto de

pesquisa, mas, também, ou talvez, sobretudo, ao importante trabalho de reflexão sobre as bases sob as quais se constrói esse conhecimento.<sup>20</sup> Ele é também o responsável pela criação do website “Projeto Alta Fidelidade - Apoio à pesquisa histórica em MPB” (no ar desde outubro 1999).<sup>21</sup>

De acordo com seu Lattes, entre os projetos de pesquisa que desenvolve, encontram-se os seguintes títulos: *Questões Heurísticas para o Estudo da Música Popular Brasileira*; *Coração Civil: a música popular brasileira e a oposição civil ao regime militar (1969/1982)*; *Representações políticas e imaginários sociais da resistência ao regime militar na Música Popular Brasileira (MPB) (1969/1981)*; *Identidade nacional e arte engajada no Brasil (1950/1968)*; *A Música Popular Brasileira (MPB) e a oposição ao regime militar (1969/1981)*.

Precursora, no Departamento de História da Universidade de Brasília, na área de estudos sobre história e música, a professora Thereza Negrão é outro nome a ser lembrado nesse breve levantamento que procura indicar os atuais interlocutores com quem o grupo que lidero tem dialogado. Sempre atenta às articulações entre música, cidade, representações, identidades e cotidiano, Thereza Negrão tem se proposto uma história baseada em conjuntos documentais, ou “discursos musicados”, como preferiria a autora, que ora remetem a um gênero musical,<sup>22</sup> ora a repertórios de compositores/intérpretes emblemáticos de um tempo e espaço.<sup>23</sup> Em todos os casos, as canções ajudam a configurar os sentidos que os sujeitos atribuem aos “lugares praticados”<sup>24</sup> que servem de lugar de fala ao discurso desses artistas. É também no conjunto de pesquisas de que foi (ou é) orientadora que a afinidade com a temática se explicita.<sup>25</sup>

### QUE MEMÓRIAS GUARDA A “JOVEM GUARDA”?

Após ter orientado várias pesquisas na área de música<sup>26</sup>, dei início a minha própria investigação, cujos primeiros resultados<sup>27</sup> estão ajudando a melhor configurar o projeto do qual me ocuparei nos próximos anos.<sup>28</sup> É a ele que dedico a última parte destas reflexões.

Compreendida como fomentadora de valores responsáveis pela construção de marcos identitários amplamente partilhados por boa parte da juventude brasileira, a *Jovem Guarda* constitui-se como um objeto privilegiado para a análise dos impasses e possibilidades vivenciados pela juventude dos

anos 60 e 70 do século XX, no País. Um dentre inúmeros movimentos musicais que sacudiam o país no referido período, a *Jovem Guarda* foi vista por uns como responsável por conectar a juventude com representações bastante transgressoras, e por outros, como um movimento que domesticou essa mesma juventude. Revolucionário ou conservador, ou quem sabe as duas coisas, esse movimento representou, sem dúvida, um importante canal de expressão dos anseios juvenis, e ajudou a configurar o universo imaginário de grande parte da juventude brasileira.

A busca de indícios capazes de desvelar esse imaginário, que se acredita, encontram-se presentes, por exemplo, na produção musical do grupo, configura-se um dos objetivos desta proposta. Outro eixo procura problematizar a forma como essa experiência é reconstruída pelo trabalho de memória empreendido por aqueles que partilharam dessa experiência: os artistas e seu público.

Procurando atender a esses objetivos, a pesquisa toma por fontes documentais, por um lado, o repertório musical do grupo, a performance de seus intérpretes, suas declarações nas mídias à época do movimento, assim como reportagens produzidas sobre a *Jovem Guarda* durante as décadas de 60 e 70; por outro, reportagens e entrevistas com artistas e fãs produzidas posteriormente, de maneira a fornecer respostas quanto à forma como no presente se constrói a memória daquela experiência, considerando-se, como bem alerta Fernando Catroga, trata-se, aqui, da questão do pertencimento “em que cada subjetividade se auto-reconhece filiada em totalidades genealógicas que, vindas do passado, se projetam no futuro.” (CATROGA, 2001:51).

Aprofundando ainda um pouco mais esse eixo da proposta, vale lembrar que os laços do presente com o passado são criados arbitrariamente, no sentido de que escolhemos o que queremos lembrar, isso porque cada presente constrói a sua história, “não só em função da onticidade do que ocorreu, mas também das necessidades e lutas do presente.” (CATROGA, 2001a:22).

Já há algum tempo, uma produção voltada à reflexão em torno de como se processa o mecanismo de memória<sup>29</sup> tem nos alertado de que ela representa um trabalho do presente que, para se realizar, precisa tanto da lembrança quanto do esquecimento, pois “há que pensar que as pessoas são ensinadas a lembrar e a esquecer, fazendo com que determinados

acontecimentos não sejam considerados importantes ou mesmo que não tenham acontecido.” (PESAVENTO,2003:96). Esse jogo do lembrar e do esquecer remete à reflexão proposta por Adélia Meneses quando assinala que “há, por sinal, no verbo ‘esquecer-se’, em grego, uma ambigüidade extremamente significativa. Assim, ‘eu me esqueço’ pode ser entendido também como ‘eu me escondo’.” (MENESES, 1995:156). Vejamos como esse processo se realiza em breves fragmentos discursivos analisados.

Sobre o trabalho realizado por Ricardo Pugialli, que resultou no *Almanaque da Jovem Guarda*, publicado em 2006, Wanderléia, que foi a responsável pela apresentação do livro, afirmou a “importância” de poder contar, hoje, com uma pesquisa “que serve de preliminar para qualquer matéria ou entrevista sobre o maior movimento de massa no Brasil”. A “ternurinha”<sup>30</sup> lembra que em 2006, quando se comemorou os 40 anos da *Jovem Guarda*, foi possível o contato com “multidões”, “milhares de pessoas que ainda anseiam [por] detalhes de fatos acontecidos há 40 anos” e que essas pessoas, “por incrível que pareça, mantêm nas cabeças a mesma atmosfera de jovialidade” daquela época. Segundo Wanderléia, o livro “esclarece dados e fatos definitivos” sobre a trajetória do grupo:

São situações que me fazem voltar a um mundo que eu apenas começava a conquistar e a conhecer. Talvez sejam as mesmas emoções que vão continuar a estimular outras gerações. Afinal, história e música sempre foram parceiras. (PUGIALLI, 2006: 13).

Vários são os sentidos construídos na fala de Wanderléia, afinal, mais do apresentar o *Almanaque*, o que seu discurso procura é construir/reafirmar a “importância” deste que foi, segundo afirma, “o maior movimento de massa no Brasil”, o que pôde ser constatado pela presença, 40 anos depois do nascimento do movimento, de “milhares de pessoas”, “multidões” que lotaram as casas de espetáculo por onde os artistas da *Jovem Guarda* passaram naquele ano de comemoração.

Destaca-se, por exemplo, a ênfase na “jovialidade” do público – “por incrível que pareça” –, sempre ansioso por saber mais sobre o que aconteceu naquela época. Afinal, um movimento que ficou conhecido como “Jovem Guarda” teria que ter, mesmo depois de 40 anos, um público capaz de guardar a “jovialidade” de outrora, tão necessária para viver tudo aquilo de

novo, mesmo porque, seus ídolos vêm se esforçando sobremaneira para também eles manterem a mesma “jovialidade” de antes.

Mas como nem tudo é passado ou, melhor dizendo, como recordar nem sempre significa olhar o passado, mas sim, projetar-se no futuro, é possível que esses já não tão jovens artistas, consigam “estimular outras gerações” colocando-as em contato com as “emoções” que o grupo viveu no passado e que, Wanderléia supõe, talvez sejam as mesmas que vivem os jovens de hoje. Mas, será mesmo que cada nova geração vive como seus pais? Que “nossos ídolos ainda são os mesmos”?

Em um documentário de 2002,<sup>31</sup> protagonizado por Erasmo Carlos, o cantor e compositor relembra a *Jovem Guarda*, e reconstrói aquela experiência, auto-reconhecendo-se filiado a uma “totalidade genealógica”, como lembrado ainda a pouco com Catroga.

A Jovem Guarda era um programa de televisão que virou um rótulo dado pela imprensa para definir aquele movimento de jovens cabeludos, com roupas extravagantes que faziam uma música barulhenta, e isso tudo deu certo ... e o programa, logo no primeiro programa, foi um sucesso maravilhoso ...

No mesmo documentário, Rita Lee – uma das artistas convidadas a participar com seu depoimento sobre Erasmo – constrói, em seu discurso, o lugar de cada um dos três principais personagens da *Jovem Guarda*. A ênfase é claro, recai sobre Erasmo Carlos, afinal, ele era o homenageado, mas a imagem/representação que lhe é atribuída constrói-se, sobretudo, pelo recurso ao contraste. Ele é o “outro”<sup>32</sup> do trio:

Eu fiquei assim, meio que olhando o Tremendão, assim com olhos diferentes, porque eu achei assim uma coisa bandida que me interessava muito, porque a Jovem Guarda era toda muito certinha, o Roberto era o mocinho, a Wanderléia, que eu adoro, era a mocinha, e o Erasmo nunca foi mocinho, entendeu? Ele sempre foi o bandidão.

No esforço de construir uma memória que dê conta da experiência da qual foi um dos protagonistas, Erasmo, muito distante da imagem do “bandidão” construída por Rita Lee, mas, também por grande parte da imprensa e por ele mesmo, parece firmar suas representações sob uma base

afetiva absolutamente necessária quando o que se deseja é *presentificar* o passado, reservando àquela experiência um lugar privilegiado. É assim que ele dirá que a “Jovem Guarda”

Foi uma coisa maravilhosa. Sempre que me perguntam, inclusive, é muito difícil pra mim traduzir o que que foi a Jovem Guarda, porque *foi uma coisa muito séria que aconteceu na minha vida*; e pelo que eu sinto, pelo que eu vejo, e *hoje tenho certeza, foi uma coisa muito séria na vida de muita gente, na vida do Brasil inteiro*, por que não dizer? Porque foi uma coisa que *marcou uma época*, foi uma coisa que até hoje é sempre lembrada com todo o carinho. (grifos meus)

Do eu para o grupo, deste para o Brasil, e daí para uma época, a experiência ganha dimensão que fala por si. E é assim, de “olho” no futuro, que o presente constrói o passado como épico.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> E que remetem, entre outras coisas, à problematização quanto ao papel da narrativa na história; ao deslocamento do foco de análise de uma suposta realidade passada para as representações construídas sobre ela; à ampliação dos objetos de estudo e, à forma como se passa a “ler” as fontes, entendidas desde então como acontecimentos. Em outro artigo detenho-me mais nessas questões (Cf. BRITO, 2003).

<sup>2</sup> Refiro-me ao grupo que lidero, registrado no Diretório do CNPq – “História e Música: compondo identidades, fazendo histórias” – e mais especificamente àquele formado por mim e por alunos que desenvolvem pesquisas sob minha orientação no PPGHIS/UnB. Desses, três deles apresentaram seus trabalhos no IV Encontro da ANPUH/DF – A Escrita da História: os desafios da multidisciplinaridade. São eles: Mateus de Andrade Pacheco, Eduardo Kolody Bay e Cristiane dos Santos Pereira, cujos textos completos também integram esta publicação.

<sup>3</sup> Como exemplo, ver: *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins, 1962 (primeira edição de 1928).

<sup>4</sup> Crítico musical e historiador José Ramos Tinhorão tem vasta produção na área de história da música popular brasileira, tendo iniciado suas pesquisas nos anos 60. A título de exemplo, ver: *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>5</sup> *Balanço da Bossa e outras bossas*. 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2003. (1ª edição de 1968).

<sup>6</sup> É autor de *Música Popular Brasileira – período da Bossa Nova aos Festivais*. São Paulo: Edusp, 1976. Em parceria com Jairo Severino publicou: *A canção no tempo*. 85 anos de músicas brasileiras. Vol. 2: 1958-1985. 5ª ed., Coleção Ouvido Musical. São Paulo: Editora 34, 2006. Foi também coordenador da *Enciclopédia da Música Brasileira*.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo: *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*. 2ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1983.

<sup>8</sup> *Cantores do Rádio*. A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1995.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.pindoramacircus.arq.br/publicacoes/resenhas/cantores.htm>

<sup>10</sup> *Melodia e Sintonia: o masculino, o feminino e suas relações* em Lupicínio Rodrigues. 2ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

<sup>11</sup> *Dolores Duran: Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

<sup>12</sup> História e Música: Pensando a Cidade como territórios de Adoniran Barbosa. *História Questões & Debates*. Curitiba, v. 31, p. 31-48, 2000.

<sup>13</sup> PARANTTOS, Adalberto de Paula. *Os desafinados: sambas e bambas no Estado Novo*. 2005. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>14</sup> A título de exemplo, ver: *ArtCultura - Dossiê História & Música Popular*. Uberlândia-MG: Edufu, 2006. v. 8 (organizador); *ArtCultura - Dossiê História & Música*. Uberlândia-MG: Edufu, 2004. v. 9 (organizador); O Brasil dá samba? (Os sambistas e a invenção do samba como ‘coisa nossa’). Www Multirio, Rio de Janeiro, 2006; Vozes dissonantes sob um regime de ordem-unida (Música e trabalho no ‘Estado Novo’). Www Multirio, Rio de Janeiro, 2006; A ordem disciplinar e seu avesso: música popular e relações gênero no ‘Estado Novo’. *Lutas Sociais*, São Paulo-SP, n.13/14, 2005; Sons de sins e de não: a linguagem musical e a produção de sentidos. *Projeto História*. São Paulo-SP, n. 20, 2000.

<sup>15</sup> *ArtCultura*. Revista de História, Cultura e Arte. Instituto de História, Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>16</sup> O Dossiê é composto pelos seguintes artigos: Gêneros na canção popular: os casos do samba e do samba-canção – Cláudia Neiva de Matos (Doutora em Letras). A música popular e a dança dos sentidos: distintas faces do mesmo – Adalberto Paranhos. De Milton ao metal: política e música em Minas – Idelber Avelar (professor da Tulane

University, New Orleans/EUA). “Eu quero Fátia”: a comunidade do rap. Santuza Cambraia Naves (Professora do Departamento de Sociologia da PUC do Rio de Janeiro). A presença africana na música popular brasileira. Nei Lopes. (Cantor e pesquisador de música popular). Música sertaneja em Uberlândia na década de 1990. Martha Tupinambá de Ulhôa (PHD em Musicologia). O nacional na música erudita brasileira. Mário de Andrade e a questão da identidade cultural. Arnaldo Contier. (Professor do Departamento de História da USP).

<sup>17</sup> Cujos artigos que o compõe são os seguintes: Os primeiros historiadores da música popular urbana no Brasil. José Geraldo Vinci de Moraes. (Professor do Departamento de História da USP). A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica. Marcos Napolitano. (Professor do Departamento de História da USP). Crimes da paixão: valores morais e normas de conduta na música popular brasileira. M<sup>re</sup> Amélia Garcia de Alencar. (Professora do Departamento de História da Universidade de Goiás). Além das amélias: música popular e relações de Gênero sob o “Estado Novo”. Adalberto Paranhos. Taracón: invenção sonora de um Brasil latino-americano. Tânia da Costa Garcia. (Professora na UNESP/FRANCA).

<sup>18</sup> Professora na UNESP/FRANCA. Atua principalmente nos seguintes temas: música popular, cinema, arte engajada, identidade nacional, meios de comunicação. De sua autoria, destaca-se a seguinte publicação: *O “it verde e amarelo” de Carmen Miranda (1930-1946)*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2004.

<sup>19</sup> Da autora, destacam-se: *MPB em discussão: entrevista*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. (do qual é uma das organizadoras). *Do samba-canção à Tropicália*. Rio de Janeiro: Relumá Dumará/FAPERJ, 2003. (organizadora junto com Paulo Sérgio Duarte). *Da bossa nova à tropicália*. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. *O violão azul: modernismo e música popular*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>20</sup> A título de exemplo, ver: *A síncope das idéias: a questão da tradição na música popular brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. *História & Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB – 1959/1969*. São Paulo: Anna Blume/FAPESP, 2001.

<sup>21</sup> Disponível em <http://www.geocities.com/altafidelidade>

<sup>22</sup> Porteiro suba e diga àquela ingrata: tango argentino, imaginário e cotidiano. In: ALMEIDE, Jaime de. (Org.). *Caminhos da história da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico*. Brasília: ANPHLAC, 1998.

<sup>23</sup> Qué qui tu tem canário? Cultura e representação no repertório de Xangai. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete K. (Org.). *Imaginário e História*. Brasília:

Paralelo 15/ Marco Zero, 2000 e Cascarigindum: Cotidiano, cidadania e imaginário na obra de Adoniram Barbosa. In: MENEZES, Albene Mirian. (Org.). *História em Movimento* (Temas e perguntas). Brasília: Thesaurus, 1997.

<sup>24</sup> Segundo Certeau, as cidades são o resultado dos movimentos que se processam em seu espaço, em outras palavras, daquilo que seus habitantes tornam memorável. Nas palavras do autor, o “memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar.” (CERTEAU, 1994).

<sup>25</sup> A título de exemplo: Magda de Miranda Clímaco. *Alegres dias chorões: A roda de choro como expressão musical no cotidiano brasileiro*. Anos 60 do século XX/tempo presente. Em andamento. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília. Marcelo José Domingos. *Muitos porteiros e pessoas normais: sobre as bandas de rock em Brasília em perspectiva identitária*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília. Patrícia Nogueira Silva. *Enredos cariocas em palavras cantadas: a cidade do Rio de Janeiro do século XX nas representações de Noel Rosa e Chico Buarque*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília.

<sup>26</sup> Orientações concluídas ou em andamento na área de música: Mateus de Andrade Pacheco. *Brasis de Elis*. Início: 2007. Dissertação em andamento. (Mestrado em História Cultural) - Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Eduardo Kolod Bay. *Qualquer Bobagem: uma história dos mutantes*. Início: 2007. Dissertação em andamento. (Mestrado em Mestrado em História Cultural) - Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Cristiane dos Santos Pereira. *Coisas do meu pessoal. Samba e (re)afirmação da identidade negra na discografia de Leci Brandão no período de 1977 a 1995*. Início: 2007. Dissertação em andamento. (Mestrado em Mestrado em História Cultural) Programa de Pós-Graduação em História da UnB. André dos Santos Madeiros. *No tom do Rappa*. Especialização em História Cultural. UnB, 2006. Jorge Alexandre Fernandes Anselmo Sobrinho. *Ópera-Rock - O rock progressivo sob as lentes da História Cultural*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Mateus de Andrade Pacheco. *Brasis de Elis*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade de Brasília. Eduardo Kolod Bay. *Qualquer Bobagem: uma história dos mutantes*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade de Brasília. Lizandra Borges da Silveira. *O que é que a baiana tem? Carmem Miranda e o Projeto de Identidade Nacional na Era Vargas*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade de Brasília. Serge J. von Frassunkiewicz. *Uma História do Jazz: do Swing ao Bibop*. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade de Brasília. Vivianne Teles Scheiner. *O Rock And Roll no Plural*. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade de Brasília.

<sup>27</sup> Trabalho publicado em anais de Congresso: BRITO, Eleonora Zicari. Costa; PACHECO, Mateus de Andrade. *Compondo identidades, fazendo histórias*. In: Anais do

XXIV Simpósio Nacional de História, História e multidisciplinaridade: territórios e desdobramentos, São Leopoldo. 2007. Trabalho apresentado em Congresso: Eleonora Zicari Costa de Brito. *Que memórias guarda a “Jovem Guarda”?* IV Encontro da ANPUH/DF – A escrita da História: os desafios da multidisciplinaridade, Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

<sup>28</sup> A Pesquisa, intitulada *Que memórias guarda a “Jovem Guarda”?*, encontra-se em fase inicial, voltada a recolha de fontes documentais.

<sup>29</sup> (HALBWACHS, 1990); (BOSI, 1994); (POLLAK, 1989); (POLLAK, 1992).

<sup>30</sup> Este era o apelido da cantora à época. Não por outro motivo, o título de sua apresentação é: “A ternurinha apresenta”.

<sup>31</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=KA0N2VdKk\\_A](http://www.youtube.com/watch?v=KA0N2VdKk_A)

<sup>32</sup> Sobre o processo de construção das identidades e, sobretudo, da necessidade de marcação da diferença pelo recurso à alteridade, ver: (SILVA, 2000).

## BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 3ª ed., São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRITO, Eleonora Zicari. C. de; PACHECO, Mateus de A. Compondo identidades, fazendo histórias. In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, História e multidisciplinaridade: territórios e desdobramentos*. São Leopoldo. 2007.

BRITO, Eleonora Zicari C. de. “O campo historiográfico: entre o realismo e as representações”. *Universitas*. Vol 1, n. 1, Revista da Faculdade de Ciências da Educação/ História, UNICEUB, 2003.

CATROGA, Fernando. ‘Memória e história’. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CATROGA, Fernando. *Memória História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001a.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.

MENEZES, Adélia Bezerra de. *Do Poder da Palavra*. Ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Vol. 5, nº 10, Rio de Janeiro, 1992.

PUGIALLI, Ricardo. *Almanaque da Jovem Guarda*, São Paulo: Ediouro, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000.

**RESUMO:** Neste espaço de reflexão, procura-se edificar um breve painel dos trabalhos que têm se voltado à música como objeto de estudo, privilegiando aqueles estudiosos com os quais o grupo de pesquisa que coordeno tem procurado manter uma interlocução. A seguir, apresento, em linhas gerais, o projeto a que tenho me dedicado e que se volta à *Jovem Guarda* como tema.

**ABSTRACT:** This paper attempts to build a space of reflection which summarizes the previous works that consider music as a main object of study. The authors who the research's group under my coordination has been working with are privileged. Afterwards, there is a general presentation of my project whose the subject is the *Jovem Guarda*.